

“POLIR SAUDADES”

# Bairro Ritondo

Não fosse o komba de um amigo, nunca tanta gente voltaria a ver o bairro do Ritondo da cidade de Malanje e polirem saudades. Ganhou asfalto a rua principal. Rareia a imagem de gente com latas de água na cabeça. Mas a Lagoa Bar evaporou. Nosso espaço que servia pra satisfação dos nossos prazeres da pesca. Não vendíamos peixe. Ornamentávamos nossos aquários lotados de espécies diversas, multicolores, cinzentas, verdes escuro e claro e violetas

Carmo Neto

**Pescávamos no** restaurante Lagoa Bar. Disseram-me que secou. Era com anzóis que habilmente fabricávamos, atados na ponta da corda e era nesses ganchos que se prendia a isca de minhocas pra atrair peixes, quando burlávamos nossos pais, a tarde, às vezes, aproveitando as borlas.

E assim enchíamos aquários de garrafões de vinho. Mas o Rio Cimento antes cristalino também proporcionava peixinhos pra o aquário e água potável aos moradores das redondezas, quase desapareceu.

Presença massiva só mesmo nos kombas hoje em dia pra lembrar aquele tempo nosso, quando sonhávamos ir à lua (leia-se Luanda). Os pais recusavam. Diziam era uma cidade violenta. Então, nossos familiares iam estudar no Quéssua, onde meu pai ganhou o nome de Dr Sarmiento, dizem os colegas da sua geração.

Abrem-se as cortinas do tempo no meio de bons contadores de estórias. Soltavam-se muitas gargalhadas. Todos sonhavam serem ministros, deputados e empresários alavancados pelo Banco Nacional de Angola, sem sucesso em tempo de crise.

Depois vem a ondulação quando a conversa versa sobre os desaparecidos durante a guerra, nossos hóspedes do céu como o Beltrano, um jovem piloto. Deixou o fato de casamento ao cuidado do alfaiate desde mil novecentos e oitenta. Também um grande basquetebolista elegante, de-veras impressionante no seu uniforme de trabalho; sem esquecer o ilustre professor João Manuel da Cruz.

E a dona Feia artista no fabrico da broa superiormente saborosa. Esposa do Frankilim, ferrenho sportinguista, coabitava com a manada de bois, no fundo do quintal. Ai e o Artur Kipakassa detentor de juntas de burros utilizadas como tracção de uma carroça transportadora de pessoas e bens. A velha Maria Conde, terapeuta. Médica tradicional socorria parturientes. O só Horácio era referência na venda da ginguba torrada. Nem mesmo seus ataques de epilepsia afugentavam a clientela.

Pensava que mais cedo chegasse, mais tempo teria pra diálogo reservado e familiar. Provavelmente assim encon-

traria menos pessoas. Engano meu. Senti-me ansioso quando constatei presença massiva.

Faltava o Bernabé, também já na hospedaria do céu. Tinha mímica nas veias. Inda miúdo-miúdo desarmava a ira da avó Milagre quando as pedradas sacudiam as mangueiras do seu quintal. De fartos gestos mágicos, pra preencher e encantar o vazio com sonantes gargalhadas, enquadrava a velha numa roda de dança, a cantar em quimbundo.

Nem mesmo o Manuelito, mecânico, irmão do Neto Magia, algum dia conseguiu desparafusar seu rosto. Tempo diferente, porque as mangueiras e goiabeiras frutavam-se de forma espontânea só com água da chuva. Os muros dos quintais já não se ornamentam de musgo como no antigamente.

Dom divino que os homens da administração esqueceram registrar com a institucionalização de uma academia de artes cénicas no Ritondo. Levou consigo à sua última morada. Oxalá os futuros gestores das autarquias não se esqueçam. Foi na verdade um cidadão com direito a nome de rua, mas não despidas de placas.



**“Abrem-se as cortinas do tempo no meio de bons contadores de estórias. Soltavam-se muitas gargalhadas. Todos sonhavam serem ministros, ou empresários”**

O chuvisco não abrandava. Até porque o kapuka que uns preferiam em detrimento da cuca aguçava a língua. Os empresários deviam analisar esta vantagem pra industrializar nosso aguardente, “Kapuka made in Ritondo”!...

As nuvens negras deixaram de galopar no céu. O vento rodopiava fazendo ballet de poeira e a dançar kuduro. Depois ouvíamos trovoadas sem mais energia. Só desejei que a lama não se transformasse em poeira no asfalto.

Era assim enquanto fui residente do bairro Ritondo



durante a estação das chuvas. Era como se o Van desenhasse imagens difusas no céu, quando a água caía em dilúvios.

Falamos depois do Futebol Clube do Ritondo, antigo inquilino do campeonato nacional. Concluímos que kamanguistas da terra devem ter um papel importante na responsabilidade social e logo vieram à memória algumas feras como o Peres, Pinheiro, Gomes Pinto e o falecido Gouveia. Eram excelentes jogadores de futebol. E há um árbitro Carlitos Ambrósio que bem merece mais reconhecimento.

Já quase navegávamos o fim da presença quando o Rui questionou se nós lembrávamos do tio que um dia qualquer sentado no sofá,

na sala de visitas, com o rosto encoberto pelas páginas da sua revista favorável escutava a rádio. Despediu-se a informar que uma hora depois regressaria. Isto aconteceu em mil novecentos e setenta e cinco, num mês de Junho e nunca mais regressou.

De rosto virado pra o céu Kota Mário pede que se dê de beber aos mortos com algumas gotas de vinho no chão. Todos conheciam as raízes dos vizinhos, razão porque acrescentou no assunto, paradeiro desconhecido do Soba Cunga do Lau, em Malanje e o filho Luís Cunga em mil novecentos e sessenta e um?

É tempo de um komba geral pra angolanos desaparecidos desde o início da luta de libertação nacional, hóspedes do céu!



EDIÇÕES NOVEMBRO

EDIÇÕES NOVEMBRO

**TINHA 42 ESPOSAS DEIXA 243 FILHOS, 250 NETOS E 45 BISNETOS**

# Réquiem ao patriarca Tchikuteny

Era um patriarca que o mundo bem conheceu. Com um ímpar agregado familiar, constituído por 580 pessoas, o homem, ao marcar a história do Namibe, em particular, do país e mesmo de além-fronteiras, criou um desafio nas áreas da ciência, particularmente da medicina, e da cultura, que requer um estudo bastante aturado

João Upale (\*) | Moçâmedes

**Trata-se de Francisco Sabalo Pedro**, mais conhecido por “Tchikuteny”, falecido a semana passada no povoado de Mungongo, no Giraúl de Cima, município de Moçâmedes, aos 69 anos, vítima de cancro da próstata, depois de receber tratamento em unidades hospitalares de Luanda e do Lubango. Foi um orgulho para o povo do litoral mais a Sul de Angola, principalmente, pela sua fama, que causava azáfama.

A sua história regista, entre outras curiosidades, que, em 1978, fundou uma seita religiosa denominada “Jesus Cristo na Cruz”, espaço suficiente para ter sob seu controlo a comunidade por si gerada. Eva Bartolomeu, a coordenadora do grupo das 42 esposas de Tchikuteny, é a “conservadora” do registo da família do super progenitor.

Ela decifra que o esposo gerou 243 filhos, dos quais 78 são finados, 250 netos e

45 bisnetos, todos vivos. O seu passamento físico, lamentou, vai, de facto, gerar enormes dificuldades no seio familiar, no que tange à educação, assumpção e sustentabilidade. Isso se qualquer atenção não lhes for prestada. Daí que ela clame pela intervenção da sociedade civil e do governo provincial.

Um legado de unidade, trabalho, respeito ao próximo e aposta na formação académica, é o que Tchikuteny deixou paracumprimento obrigatório e à risca, segundo Lumbomany Pedro, um dos filhos do pastor.

“O meu pai representou uma figura pública dentro da cultura social. Foi um homem de conselho, ensinou-nos a trabalhar na unanimidade bem como a viver em união, sem separação. Enquanto patriarca angolano não deixou de ensinar-nos a parte académica e o desenvolvimento socialmente útil”, lembrou.



## Líder religioso



**Augusto Guedes**, sobrinho de Tchikuteny, entende que o tio, na qualidade de fundador da igreja “Jesus Cristo na Cruz”, sempre doutrinou os próximos a viverem segundo a palavra de Deus. Guedes é crente, desde miúdo, da referida seita religiosa. Conta ele que o tio sempre foi um pilar da família e que, apesar da controvérsia por ter um grande número de mulheres, a sua religião era cristianismo.

“Tchikuteny inspirou-se nos fundamentos bíblicos, por intermédio do Rei Salomão, para agrupar tantas concubinas aos seu dispor”, segundo o sobrinho e discípulo. “O tio tinha uma inspiração divina para fazer o que fez”, disse, acrescentando que o patriarca foi um revolucionário na família ao levar os meninos a instruírem-se na escola, “alinhando assim no diapasão de Nelson Mandela, segundo o qual, se quiseres ter uma nação perfeita, deves instruir os meninos”.

Da etnia mucubal, o velho Tchikuteny, conheceu a palavra de Deus na Igreja Evangélica Congregacional de Angola (IECA), depois de cumprir o serviço militar português. Mais tarde passou pela igreja adventista do Sétimo Dia. Toda essa experiência viria a servir-lhe de base para a criação da seita religiosa que liderou até ao fim da sua vida.

Quem também ficou muito comovido com a morte de Tchikuteny é o genro Jeremias Domingos, que elogiou as suas “qualidades comunicativas”. Segundo disse, o patriarca quis ver os filhos, netos, bisnetos e outros parentes formados e a serem os “continuadores não só da nova geração, mas da nação angolana”.

“Ele falava ‘eu quero que vocês estudem para amanhã serem quadros’. Mas a vida não permitiu. Contudo, vamos nos unir para lembrar as suas palavras”, afirmou, com nostalgia, Jeremias Domingos.

# Análise sociológica

**“Com o desaparecimento físico do mais velho Tchikuteny, a tendência da família é estar desestruturada e a mudança do equilíbrio tende a descender, porque, afinal de contas ele tinha um papel preponderante no seio familiar”**

O sociólogo David Inácio disse ser fundamental que se trabalhe pela unidade da família, evitando que ela seja desestruturada. Mas, para que isso seja um facto, urge o apoio de todos, sem descuidar as entidades estatais, por se tratar de uma família alargada, que carece de muita atenção.

“Com o desaparecimento físico do mais velho Tchikuteny, a tendência da família é estar desestruturada e a mudança do equilíbrio tende a descender, porque, afinal de contas ele tinha um papel preponderante no

seio familiar”, disse o sociólogo, para quem deve haver interação entre os membros da família.

Ainda segundo David Inácio, a pessoa ideal para cuidar de todo o pessoal ainda em vida é a dona Eva Bartolomeu, a primeira-dama entre todas, de acordo com a promessa feita pelo malogrado, ainda em vida. “Deve-se respeitar a cultura, os hábitos e costumes de cada povo”, comentou o sociólogo, acrescentando que o velho Tchikuteny era muito reservado.

“Antropológica e cultu-

ralmente falando, isto é possível nas nossas sociedades”, sustentou, aludindo ao grande número de esposas e, conseqüentemente, à numerosa prole do falecido.

Entre as colinas e as montanhas no vale do Giraúl, por sinal uma zona agricultável, há muito o velho Tchikuteny havia escolhido um espaço, que julgou apropriado, para construir um jazigo para si e os restantes familiares. É um cemitério feito segundo a tradição local. O próprio Tchikuteny “inaugurou” o lugar santo, quando foi a enterrar no

passado domingo, 19.

Admirador dos brasileiros, africanos e outras nacionalidades, Francisco Sabalo Tchikuteny criou um estilo de vida próprio e deixou muitos cidadãos perplexos quanto ao direito positivo versus direito costumeiro e ainda relativamente a questões ideológicas suscitadas pelas numerosas mulheres que partilharam o “bem comum”. De acordo com a doutrina criada por ele, o patriarca, assim, deixou apenas uma viúva (Eva Bartolomeu) e 41 servas (concubinas). As 42 mu-

lheres dividiam o mesmo marido e eram felizes.

Segundo o comunicado fúnebre lido no momento em que Tchikuteny ia enterrar, as actividades do evangelho da seita “Jesus Cristo na Cruz” foram iniciadas no dia 2 de Abril de 1978, na aldeia de Tchova, no Giraúl do Meio, mudando-se depois para o Giraúl de Cima e, conseqüentemente, para a ilha de Kipola, no município de Moçâmedes. Ainda nos idos de 1979 e 1980 a seita criou uma escola bíblica e outra de alfabetização.



## Apelo a almas caridosas

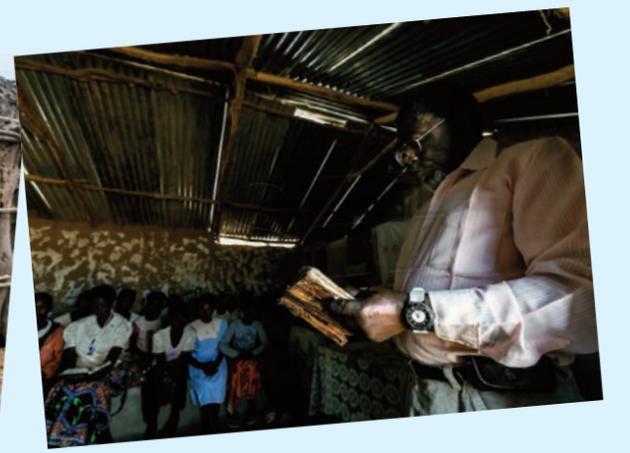
A primeira-dama Eva Bartolomeu apelou ao contributo de pessoas caridosas para a formação dos mais novos e o cuidado a ter com toda a família. Mas ela deve cumprir à risca o legado do esposo para congregar todas as concubinas e respectivos rebentos. Segundo a tradição bantu, quando um chefe de família morre é indicado o sucessor ou herdeiro para cuidar dos descendentes e da riqueza (cabeças de gado, principalmente) se o tiver.

Já para os mukubais, o irmão mais velho é quem deve assumir esse papel de tomar conta do rebanho. Sabalo Pedro (o irmão mais velho de Tchikuteny), assume de corpo e alma o papel que lhe foi destinado pela tradição, isso para evitar “que as novas gerações se per-

cam”. Quanto às viúvas, as que entenderem que devem permanecer no grupo, vão continuar. As que acharem que a vida não pára por ali, deverão “livremente” procurar novos parceiros e seguirem o seu rumo.

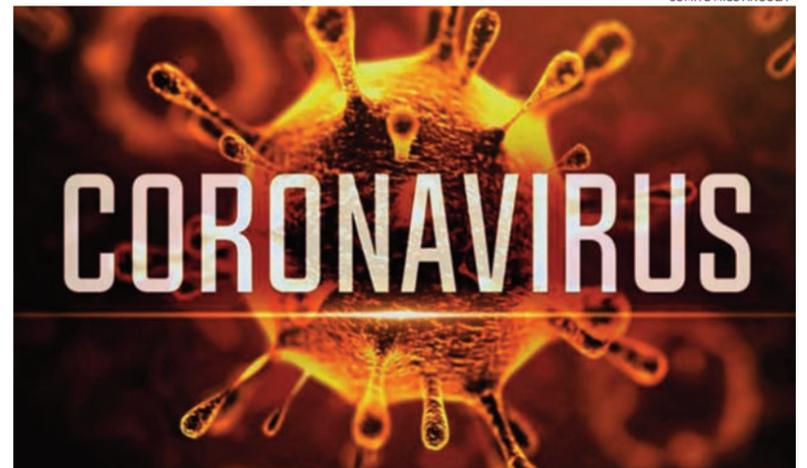
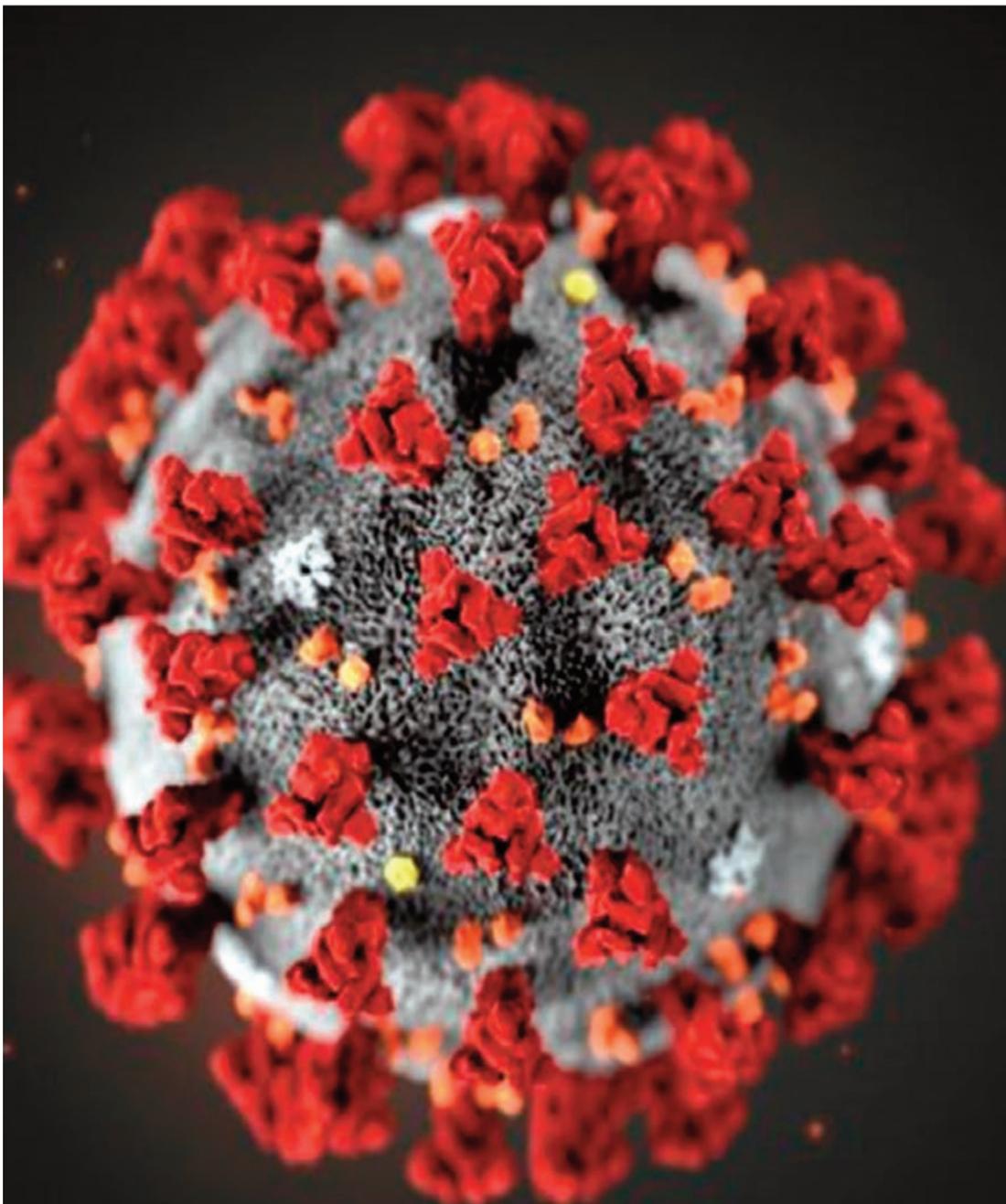
A morte de Tchikuteny deixa um grande vazio, também, em toda a comunidade namibense, devido aos seus sábios ensinamentos, a sua forma de dividir equitativamente os bens e por outras virtudes, a bem do núcleo familiar mais numeroso de Angola. De realçar que o óbito do patriarca vai durar setenta (70) dias, segundo o ritual dos mukubais. E, durante esse período, não se deve matar uma vaca e nem sequer comer carne.

(\*) Com Elias Guito/RNA-Namibe

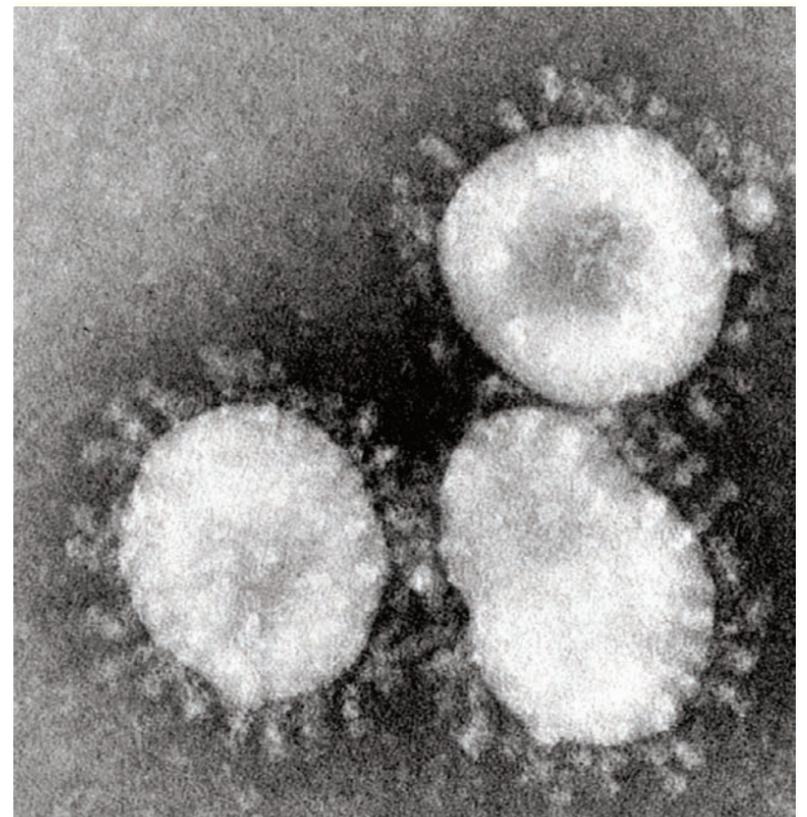


**EM PAUTA O COVIDISMO****Descodificando o léxico e a semântica da Covid-19**

*A língua vive e sobrevive a vários momentos e factores, e o seu léxico é enriquecido, também, nestas fases difíceis que marcam a sociedade. Hoje, com a pandemia que assola a humanidade – a Covid-19, vemos, no âmbito linguístico, a criação de novos vocábulos e de novos valores semânticos, que enriquecema língua, e novas construções sintácticas, que dinamizamos estudos em língua*



COMITÉ MISS ANGOLA



Abel Vidente Luemba /\*

Neste sentido, é nossa missão apresentar, com todo o cuidado possível, alguns “covidismos”, ou seja, palavras já dicionarizadas (muitas delas adormecidas ou desconhecidas por alguns falantes) e novas, em vias de lexicalização, que, por força da covid-19, ganharam maior uso, tornando-se palavras/expressões da actualidade, palavras recorrentes da Covid-19.

Começemos pela mãe de todos os “covidismos”: Covid-19: palavra ainda não dicionarizada, que, nalguns ambientes, vai criando discussões, por exemplo, quanto ao seu género e a sua escrita.

Entretanto, importa começar por referir que covid-19 é o nome da doença provocada pelo vírus que recebeu a designação de SARS-CoV-2 pelo Comité Internacional para a Taxonomia dos Vírus.

O acrónimo Covid-19 representa a expressão inglesa coronavirus disease – formado pelos elementos truncados CO- e VI-, sílabas extraídas do inglês coronavirus, a que se junta a inicial D do vocábulo também inglês disease. O algarismo final, separado por um hífen, indica o ano em que o vírus foi identificado. Relativamente ao género, existe uma instabilidade, porque, por um lado, é usada para referir a doença (a covid-19) e, por outro, para o vírus que a pro-

voca (o covid-19); com isto, para evitar a confusão de género, sugere-se o uso da palavra no feminino, para se referir exclusivamente à doença, conforme definiu a Organização Mundial da Saúde, ficando reservado para o vírus a designação SARS-CoV-2. Quanto a sua escrita, igualmente por instabilidade e pelo facto de estar em processo de lexicalização, sugere-se o uso de minúscula, escrevendo, neste caso, como um nome comum (Covid-19).

O outro termo, já dicionarizado, entretanto, pouco usual, é Pandemia. Palavra, de origem grega – pân, “todo” + dêmos, “povo”+ia, reservada para designar doença que ataca ao mesmo tempo grande número de pessoas,

na mesma região ou em grande número de países, ou ainda doença infecciosa que se dissemina a nível mundial. Logo, a Covid-19 é uma pandemia por tomar proporções mundiais, implicando o não uso de expressões como pandemia mundial ou pandemia global, por se tornar redundante. Ora, pelo facto de ser uma doença de fácil contágio, colocam-se, preventivamente, os indivíduos portadores ou suspeitos de infecção por covid-19 em quarentena. Este último termo – Quarentena – léxico adormecido, usado inicialmente para designar o período de 40 dias, evoluindo, por extensão semântica, para o tempo de isolamento imposto a pessoas

portadoras ou supostas portadoras de doenças contagiosas, como é o caso de pessoas que mantiveram algum contacto com doentes da Covid-19. Ainda pode ser usada a expressão isolamento profiláctico para se referir a pessoas portadoras ou suspeitas da Covid-19.

Os doentes da Covid-19, em estado crítico, permanecem em Unidade de Cuidados Intensivos e precisam de ventiladores. A expressão Unidade de Cuidados Intensivos – UCI – habitualmente utilizada em Saúde para designar a área onde se prestam cuidados a doentes em estado de saúde crítico ou que apresentam potencial risco, necessitando de uma vigilância

contínua e intensiva; reque-rendo, para o caso da Covid-19, de ventiladores. Ventilador é uma palavra que, por extensão semântica, passou a designar o aparelho destinado a assegurar as tro-

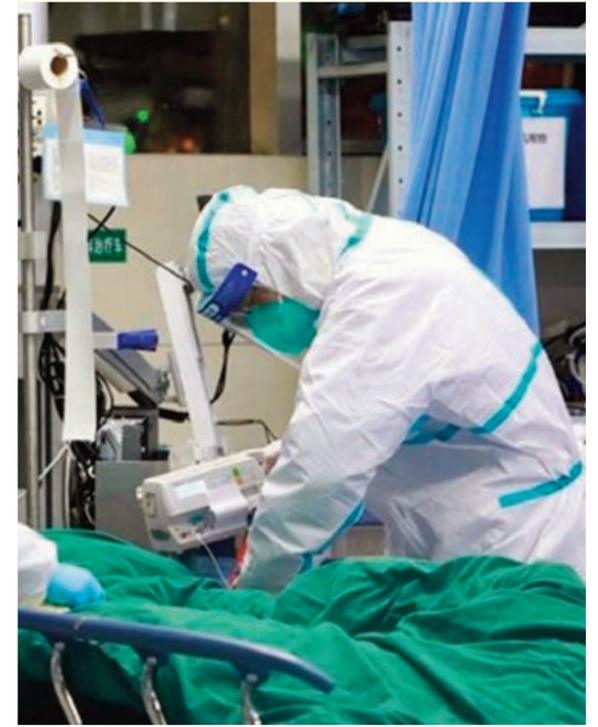
**Começemos pela mãe de todos os “covidismos” Covid-19: palavra ainda não dicionarizada, que, nalguns ambientes, vai criando discussões, por exemplo, quanto ao seu género e à sua escrita**

cas respiratórias em caso de perturbação ventilatória grave, isto é, auxiliar a respiração de pessoas com doenças respiratórias graves com impacto nos pulmões – como a pneumonia ou actualmente a Covid-19. Ora, com a pandemia, a procura pelos ventiladores tem aumentado, o que constitui o sinal de vida ou morte para os pacientes em estado crítico.

O Estado de Emergência (em diante EE) é outra expressão que se tornou recorrente em Angola, particularmente, por ser a primeira vez, na história do país, que se decreta. OEE é decorrente de situações excepcionais que os países adoptam em situações extremas – desde a suspensão ou mudanças de algumas funções do executivo, do legislativo ou do judiciário. Com a presente pandemia, vários países decretaram o EE com

o objectivo de, por um lado, evitarem a fase de contaminação comunitária e, por outro lado, de fazer o corte da cadeia de transmissão. Este último termo é usado para referir a transmissão do vírus de forma sucessiva de um hospedeiro para outro indivíduo.

Continuando no âmbito das expressões recorrentes, o Ensino a Distância (EaD) é igualmente uma que adquiriu alguma expressividade resultante do cancelamento das aulas presenciais. Em Angola, parece constituir-se novidade por ser uma prática pouco usual, pese embora alguns profissionais em educação já se pronunciarem sobre o assunto e outros comprovarem o uso desta modalidade de ensino mediante algumas plataformas digitais, o facebook, eo Google classroom.



COMITÉ MISS ANGOLA

## Mais expressões covidianas

**Ainda sobre** as palavras e expressões da actualidade, alistamos algumas:

**Cerca sanitária:** é o encerramento de um determinado território por razões de saúde, o que implica o impedimento de entrada e saída de uma região.

**Confinamento:** é o estado de quem está em local fechado ou área reservada, afastado do contacto com outros, por doença, punição, prevenção ou outro motivo.

**Higienização:** palavra utilizada para designar o estabelecimento das condições de limpeza ou salubridade necessárias à prevenção ou combate a doenças; ou ainda, tornar higiénico ou limpo.

**Intensivista:** é o especialista em cuidados intensivos, que tem um papel muito relevante no cuidado dos doentes em situações mais graves.

**Isolamento Social** é o comportamento de pessoas ou grupo de pessoas que, voluntária ou involuntariamente, se afastam de interações e actividades sociais;

**Luva:** em saúde, peça de borracha com que se cobre a mão, em determinadas circunstâncias, para a proteger ou a utilizar em esterilização.

**Máscara:** em saúde, protecção de tecido, devidamente esterilizada, para a boca e o nariz, usada por técnicos de saúde, doentes. Com o actual cenário global, o uso de máscara carece de algum consenso entre os especialistas, sendo possível verificar-se em técnicos de saúde, doentes da covid-19 e indivíduos não portadores.

**Mortalidade:** quantidade de indivíduos que morrem em determinado intervalo de tempo em certa região.

**Pico:** palavra utilizada, em saúde, para referir o número mais alto de infecções atingido num país.

**Recessão:** descida do nível da actividade económica ou diminuição do seu crescimento, podendo ser ainda a fase descendente do ciclo económico, caracterizada pela contração da produção e da procura e pela descida de preços

**Repatriamento:** acto de fazer regressar à pátria cidadãos que se encontram noutros países.

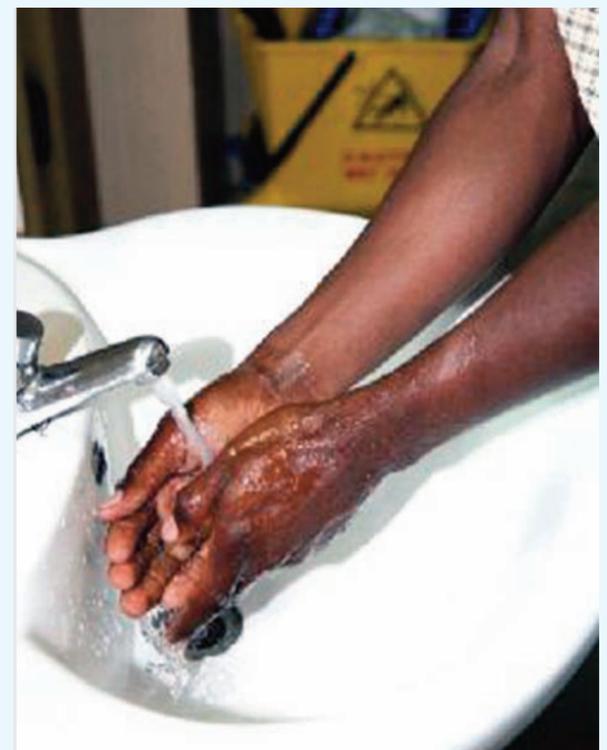
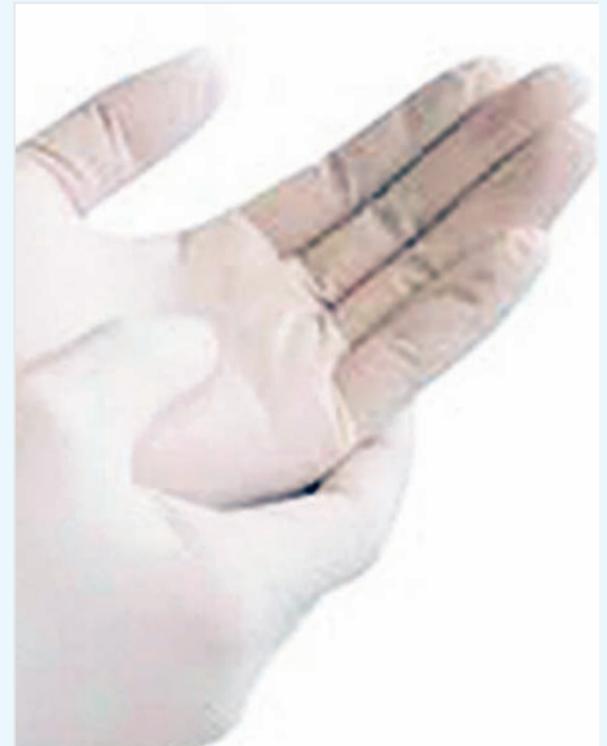
**Wuhan:** Capital da cidade chinesa, Hubei, onde começou a doença.

**Zona de risco:** região onde se verifica um maior risco de contrair a infecção.

\*Professor no ISCED – UON

### Fontes de consulta

Dicionário da Língua Portuguesa (2012). Porto: Porto Editora  
<https://ciberdividas.iscte-iul.pt>  
[https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-that-causes-it](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it)





## ESCRITOR JOHN BELLA

# “O livro ainda é a ferramenta basilar para a evolução intelectual”

*John Bella, nome literário de Jorge Marques Bela, é o entrevistado de hoje do caderno Fim-de-Semana. Nasceu e cresceu no antigo museke Mota, Bairro Sambizanga, em Luanda. O sociólogo, membro da União dos Escritores Angolanos (UEA) e secretário-geral-adjunto da Brigada Jovem de Literatura de Angola (BJLA), falou-nos do estado actual da literatura em Angola, da resistência do livro perante as ameaças das novas tecnologias. O ex-deputado pela Bancada Parlamentar do MPLA disse ainda ter abraçado a literatura por força das estórias infantis que surgiram nas conversas à roda da fogueira, no Sambizanga. Nesta conversa animada, John Bella falou das suas influências literárias: Agostinho Neto, Wanyenga a Xitu, Manuel Pedro Pacavira (que o inspirou a escrever Rainha Njinga), Eugénia Neto, Dário de Melo, Jorge Amado, Leão Tolstoi, Júlio Dinis, John Donne...*

Ferraz Neto

### Assinalou-se na quinta-feira o Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor. Qual é a avaliação que faz do estado da literatura em Angola?

Acho que a literatura em Angola já teve momentos mais altos, embora não se considere o actual estado como sendo o mais crítico. Começamos primeiro pela falta de incentivos a quem escreve. Acredito haver pouca preocupação, de quem de direito, para com as pessoas que se dedicam a esta arte. Creio que tal desinteresse deve-se ao facto do livro ser um mestre mudo, pois seu objectivo não faz barulho, não se mostra na rua ou nos ecrãs, senão dentro de uma capa e muita gente pensa (mal), ao julgar que é coisa individual do autor, no qual a sociedade não tem o direito de apoiar ou investir, porque, aparentemente, o livro não dá petróleo nem diamantes, enfim, não gera riquezas. Engano absoluto. É claro que não podemos apresentar críticas sem apontar soluções (mesmo sabendo que elas ficarão no papel de quem as lê e deveria agir, para o bem). Assim, julgo pertinente acon-

selhar o patrocínio permanente aos criadores da arte literária, incluindo bolsas de criação (sem discriminação), no estrangeiro e mesmo no interior do país. É impossível existir produtos sem postos de venda, e com o elemento livro o mesmo deve acontecer. Daí que é de louvar os pouquíssimos supermercados que aceitam comercializar obras de autores que lhes convêm. Sobretudo, o Estado deve criar as condições para (re)abertura das livrarias e do parque gráfico. Alguém vai dizer que deve ser iniciativa privada. Tem razão. Porém, existem empresários privados financiados pelo Estado, em vários sectores da vida social. Porque não poderá acontecer com o livro, sua feitura e distribuição? Podem até ser privados, mas, em qualquer parte do mundo, estão em primeiro lugar os interesses nacionais, artísticos, turísticos e culturais que tais elementos representam para a nação como um todo, sendo depois salvaguardados os aspectos de cada indivíduo. Grande parte das pessoas que contactei no estrangeiro, quando falássemos sobre livros angolanos e lhes perguntava onde

os adquiriram, a maioria dizia que vieram “propositadamente” a Angola para os adquirir na Livraria Lello. Estamos diante de uma realidade em que, afinal, ao contrário do betão e para além das paisagens naturais, os interesses da cultura imaterial também podem atrair turistas para o país.

### As novas tecnologias de informação chegaram a ameaçar a continuidade do livro. A verdade é que o livro resiste no tempo...

“Meus filhos terão computadores, sim. Mas, antes, terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever, inclusive a sua própria história”, citação de Bill Gates. É prazeroso iniciar a resposta a esta sua pergunta com as belíssimas palavras de Bill Gates. Muitas e valiosas interpretações podem ser tiradas dessa frase. Claro que nunca o computador poderia substituir o livro, a menos que queiramos fazer de conta que sim. Na não substituição das novas tecnologias de informação pelo livro encontramos o sucesso do aluno, pois este não ficará limitado no conhecimento. Mas, o segredo desse sucesso somos, sem dúvida, nós, os educa-

dores. Devemos estar entre os primeiros a privilegiar o livro nas nossas investigações, para sabermos quando uma investigação que nos foi apresentada pelo estudante teve ou não o trabalho aturado de biblioteca. O que encontro agora na internet, todo o universo terá acesso. Já não é um diamante por lapidar, ao contrário do livro, onde o investigador lê, reflecte, a sua consciência apresenta dúvidas, sugere críticas e sugestões. Estaríamos a formar um novo ser com ideias próprias e não ser com ideias próprias e não aquele sujeito com pensamentos desenvolvidos nos resumos da Wikipédia. Ademais, as coisas aí mudam consoante os desejos de quem as coloca. Já no livro há outra responsabilidade, pois quem escreve tem a consciência de que o livro é um arquivo permanente, porque se errar vai ficar para sempre e perder credibilidade. Para concluir, o livro é ainda a ferramenta basilar para a evolução intelectual da pessoa humana. Também é verdade que certas sociedades não apostam no livro, talvez, por pensarem na sua pergunta, segundo a qual as novas tecnologias ultrapassaram-no. Sobre isso, quero

repetir o que tenho dito sempre: “nenhuma nação se desenvolve (u) sem educação; não existe educação sem livros; quem escreve o livro é o escritor!” Aí está o escritor, como pilar fundamental da sociedade.

### A literatura infantil foi o seu primeiro campo de actuação. Como surgiu a inspiração para as suas estórias infantis?

Tem graça que comecei por publicar poesia. Meu primeiro livro de poemas, intitulado “Água da Vida”, publiquei-o em 1995. Depois, em 2000, outro poemário intitulado “Painéis Cozinharam Madrugadas”. Só em 2001 aparece pela primeira vez o conto infantil com o título “A Canção Mágica”. As inspirações para as estórias infantis surgem com o hábito das conversas à roda da fogueira, no Sambizanga, onde nasci e cresci. Naquele tempo ainda não tinha televisão e o nosso divertimento era seroar. Quando não houvesse lenha para acender a fogueira era um pneu estragado a arder em chamas, e sentávamos à volta, por vezes mesmo em comunidade, no campo do Bukavu, no museke Mota,

principalmente em tempos de frio, ou seja, kasimbu. Havia momentos em que acontecia nos nossos quintais, à volta do fogareiro, com a avó, a mãe, os manos mais velhos ou os vizinhos do lado. Aquelas estórias em que os animais, os objetos ou coisas inanimadas falavam como se fossem pessoas me fascinavam, ao ponto de chegar um momento em que pensava ser verdade!

### Como é que a literatura surgiu na sua vida?

Ora, para além de todas aquelas estórias que ouvia, quando comecei a ler, já a frequentar a escola, em casa já havia livros de quadrinhos dos meus irmãos mais velhos, as estórias da Disney e outros que gostava de soletrar. Tinha quase toda a colecção do Verbo Infantil Anita, com autores diferentes em cada livro, mas, curiosamente, todos eles pintados pelo famoso desenhador Marcel Marlier. Anita Dona de Casa, Anita e as Quatro Estações, Anita no Jardim Zoológico, O Gato Pompom, Três Bons Amigos, entre outros, cuja memória ainda me fascina. Lembro-me que quando li “Carlota e o Clube Secreto”,

da escritora dinamarquesa Greta Stevns, a Carlota, personagem principal tinha 12 anos e escreveu um livro. Na altura eu tinha a mesma idade. Que tal escrever também um, pensei. E comecei. Não tinha terminado e as pessoas curiosas que foram espreitar disseram que eu tinha copiado de alguém. Mas não era cópia. Isso me fez analisar pela positiva, bom... se pensarmos que é cópia, então estou no caminho certo.

Tínhamos entrado no ano de 1980. Em junho, na rádio, ouvi que tinha sido criada a Brigada Jovem de Literatura. Era muito pequeno para me atrever a tanto. Tinha transitado para a 5ª classe, mas, como no Sambizanga só havia escolas até a 4ª classe, matriculei-me na escola 1º de Maio, no hoje Largo da Independência. Se um dos professores não aparecesse, ao que chamávamos “borla”, ali próximo era só atravessar uma estrada, existia um beco no prédio da Geologia e Minas e nos dava logo a Biblioteca Nacional. Era o nosso destino. Eu, a Cesaltina Guimarães, a Ana Covilhã, o Emanuel (Nelinho) e outros ficávamos a ler “... E Nas Florestas Os Bichos Falaram”, de Eugénia Neto”, “O Balão Vermelho”, de Cremilda de Lima, “O Grilo e as Makas”, de Dario de Melo, “As Fábulas de La Fontaine”, “Os Contos dos Irmãos Grimm”, “As Mil e Uma Noites”, entre outros. Em 1984, fui viver para o bairro “Cruzeiro”. Ali, as pessoas com quem conversava tinham o hábito de ler os livros das coleções “Sabrina”, “Bianca”, etc. Quando quisesse dialogar, por vezes não podia, pois elas estavam distraídas nesses livros e comecei a sentir ciúmes dos autores dessas histórias que nem sequer conhecia. Então decidi ser eu também a escrever essas histórias. As primeiras leitoras foram a Docas, a Sheila e a Cati, que liam antes mesmo que eu terminasse de escrever e diziam que algumas eram melhores do que as que elas liam, pois, todas elas foram publicadas no ocidente.

#### Mas qual foi o momento decisivo para seguir este caminho na literatura?

O momento foi este, pois, neste mesmo ano de 1984, fui inscrever-me na Brigada Jovem de Literatura de Luanda, cuja sede era no edifício onde hoje é o Elinga-Teatro (espero que a nova ministra da Cultura, Turismo e Ambiente angarie fundos para não deixar cair aquele património nacional e outros do país). Naquela altura, lembro-me de ter encontrado por lá dois escritores, já falecidos. O grande poeta António Panguila e o Ady Gonçalves. Tinha também lá uma rapariga que estava a estagiar em dactilografia. A Brigada passou a ser, para mim, uma escola literária muito influente, pois, toda a sexta-feira tinha tertúlias com acesos debates, bastante instrutivos. Foi lá onde aprofundi as leituras das obras de Agostinho Neto, Wanyenga a Xitu, Manuel Pedro

Pacavira, António Jacinto, Aristides Van-Dúnem e outros, pois encontrei lá uma biblioteca muito rica. Analise que o período da educação literária à produção da obra foi longo. Entrei para a Brigada em 1984, como já frisei, só publiquei o meu primeiro livro em outubro de 1995, imagine...

#### Fale-nos do seu primeiro livro. Quais foram as ideias que o inspiraram a escrever?

As ideias inspiradoras foram toda uma vivência. O sentimento profundo pela natureza e tudo quanto a compõe, os aspectos da cultura e da sociedade angolana, o amor, como não poderia deixar de ser, isso sem já falar nos escritores que pacientemente eu lia, a própria infância e juventude, as questões políticas, sem esquecer que o livro foi todo ele escrito antes, durante e após a sua execução gráfica, no período de guerra que o país viveu. Daí muitos admirarem-se como era possível escrevermos.

#### Quais foram os escritores que o influenciaram?

As minhas influências literárias devo-as sem dúvidas aos escritores Agostinho Neto, Wanyenga a Xitu, Manuel Pedro Pacavira (que me inspirou a escrever Rainha Njinga), Eugénia Neto e Dario de Melo nos livros infantis. Do estrangeiro Jorge Amado, Bernardo Guimarães, Leão Tolstói, Júlio Dinis, John Donne, a literatura de tradição chinesa e outros.

#### Qual foi a pessoa que, primeiramente, acreditou no seu talento?

Acredito que os primeiros que indirectamente me deram coragem foram os que iniciaram a ler os trabalhos, com tanta ansiedade, enquanto eu escrevia, sem tê-los terminado. Julgo que, como pessoa colectiva, a própria Brigada Jovem de Literatura de Angola (BJLA), o escritor Mateus Volódia, heterónimo de Virgílio Coelho, na altura delegado provincial de Luanda da Cultura, entidade patrocinadora da minha primeira obra, sobretudo Wanyenga a Xitu, que acredito ser o único livro de poemas que ele se dispôs a prefaciá-lo em toda a sua vida, segundo relato de alguns familiares próximos. Ainda assim, antes da publicação do primeiro trabalho procurei a estudiosa de literaturas africanas a residir em Portugal, a Dra. Inocência Mata, que na altura se encontrava em Angola a convite da BJLA, para dar uma olhada. Ela arrumou os poemas de forma cronológica e disse para prosseguir, que o caminho era aquele. Ainda, já poetas como Kudjimbe, Conceição Cristóvão, António Panguila, David Filho, Bendinho Freitas, Rosária da Silva, Nanda Baião, o crítico literário Akiz Neto, Jomo Fortunato, etc., tinham tido contacto permanente com o manuscrito e dado a sua opinião. Isso fez com que não estivéssemos diante de um projecto concebido às pressas.

## Estilo de escrita

#### Como define o seu estilo de escrita?

Acredito que não tenho uma linha definida, embora eu normalmente reserve estas questões aos leitores e estudiosos da minha literatura. Escrevo poemas, romances e literatura infantil, cada um com estilo próprio. Todavia, o que lhe posso garantir é que em cada um deles é difícil desprender-me dos aspectos culturais da sociedade angolana, embora algumas conquistas da cultura universal estejam patentes.

#### Que tipo de pesquisa faz para as estórias dos seus livros?

Para os meus livros faço pesquisas de documentos escritos, orais e, sobretudo, uso a imaginação. Também gosto de visitar monumentos e sítios históricos, bem como aqueles lugares que, embora não classificados, os pude desvendar em livros, depoimentos e outros sinais que demonstram terem acontecido por lá factos de interesse artístico-literário e cultural. Estou a falar, por exemplo, da Ilha de Luanda, Musulu, Kakwaku, Kifwungondo, Pangila, Barra do Ndanji (Dande), entre outros.

#### É um homem de muitos amores na vida ou de um só amor?

Evidente que de muitos amores (risos): pela literatura é um deles. Segue-se o amor pela família, os filhos, os parentes, amigos próximos e distantes, pela natureza, principalmente, por aí...

#### Sabemos que está constantemente a pesquisar. Qual é o tema ou temas abordados no seu próximo livro?

Fui levado a pesquisar, entre o ovo e a galinha, quem apareceu primeiro. Tema do próximo livro infantil que deve estar a ser já executado neste momento, pela gráfica. Outrossim, também sairá o terceiro volume da Rainha Njinga, igualmente na gráfica, com muita e muitas e novas pesquisas. Desta vez, tive de navegar ao rio Kwanza até a Ilha de Ndala a Ngonga, a ver o lugar onde ela deixou ficar as jóias, ante uma perseguição impiedosa do exército português que tinha cercado e bombardeado a ilha, com fogo de artilharia. O mesmo rio levou-me a Masanganu, onde pude ver de perto, coisa que só lia em documentos, as ruínas da Fortaleza com o mesmo nome, o lugar onde os lusos em 1647 afogaram a irmã mais nova da Rainha, a Fuxi, a Igreja Nossa Senhora da Vitória e o mercado onde compravam, vendiam ou trocavam os escravizados. Na província de Malanji pude regressar às Pedras de Mpungu a Ndongo, onde ela deixou a marca do seu pé; a Matadi a Njinga, pedra onde ela sentava-se para traçar os planos de combate; nos rápidos do Kwanza, em terras do Soba Kanga a Ndala pude ver a pouca distância a ilha da Mbila, onde se refugiara o irmão, Ngola a Mbande, quando, em 1618 foi expulso das suas terras, pelos portugueses; no Kwale, terras do Soba Kalanda ou Kala a Ndula, seu aliado militar e depois, inimigo, a quem a mesma trocou com os tugas, pela liberdade da irmã, a Kambu. Ainda conversei com o 44º Rei do Ndongo, Ngola a Kabombo, no seu Palácio erguido pelo Governo, na cidade de Malanji, etc.

#### Segue a mesma linha dos anteriores ou muda drasticamente de estilo?

Na literatura infantil tenho uma única linha, até ao momento: o porquê das coisas e sempre pela preservação da natureza. Há uma particularidade. Ninguém gostava de introduzir prefácios nos livros infantis. Segundo Dario de Melo, prefaciador do meu primeiro livro para os mais novos, as pessoas não o faziam porque davam pouca importância à literatura infantil. À minha semelhança, hoje já quase todos o fazem. Ainda bem, pois o prefácio ajuda o leitor a compreender a obra, não só para adultos, mas, principalmente, para os petizes que mais precisam de entender o mundo que os rodeia.

#### Falemos agora de alguns dos seus livros. “As Lágrimas do Rei-Sol” e “Embebedaram a Chuva”. O que o levou a escrever estes belíssimos livros?

“As Lágrimas do Rei-Sol”, este conto infantil surgiu-me por um facto bastante emocional, a maneira como nós, (supostos) seres humanos estamos a maltratar irracionalmente o Universo, bem como o que poderá acontecer, se não houver uma mudança

de comportamento. A escritora Marta Santos, que prefacia a obra (em) presta uma deliciosa e cuidada atenção, nos dizeres que aplica para levar as pessoas a compreender a mensagem da pomba branca, a dizer que a natureza também precisa de paz. Tal como o diz, “livro belíssimo”, também gostei muito de escrevê-lo, quão educativo quanto entretido. Nos países em que passei, onde a literatura não é distraída, as estruturas ligadas a educação, cultura e ambiente costumam entrar em acordo com o autor ou a editora e reproduzir milhares de exemplares, para serem distribuídos aos mais novos nas escolas e outros estabelecimentos de ensino, pois, se reparar bem, no início do conto há uma frase que diz:

“- Pai, de pequeno se torce o pepino?

- Não, filho. De pequeno se lê o livro!”

“Embebedaram a Chuva”, até ao momento, meu último trabalho em poesia. Tal como todos os outros, foi muito bem recebido pelos leitores, assim como pela crítica. Fui convidado a apresentá-lo na Feira do Livro de Taubaté - São Paulo (Brasil). Traz o prefácio de Ras Nguimba a Ngola, poeta e comentarista literário em televisão.

Imagine que é um livro que comporta várias facetas da vida, não só dos angolanos, como de outros povos, o mais curioso é que o mesmo foi lançado numa altura, em 2015, quando as chuvas caíam torrenciais um pouco por todo o país, a causarem estragos materiais e por vezes humanos, infelizmente. Daí as pessoas considerarem o livro como sendo profético. Vamos ver que a literatura é coisa séria. Ou é... ou não é. Por mais géneros que nos propusermos a fazer, todos eles devem ser consistentes conquistadores de qualquer tempo e opinião. Não é boa a ideia de que “és bom nesse género, naquele, não”. Repito: ou fazes, ou não fazes.

#### No livro “Os Primeiros Passos da Rainha Njinga” apresenta dados históricos relacionados com a história da soberana. Qual a razão dessa pesquisa?

Uma história longa. Eram os santos anos de 1979, eu a concluir a 4ª classe. Tivemos a honra de estarmos entre os primeiros na nossa terra a estudar, na escola, a História de Angola, pois, meus irmãos mais velhos já não tiveram a mesma sorte, porque no tempo deles a história era de Portugal. Meu saudoso professor (monodocente) Carlos Baptista de Melo dominava com mestria todas as disciplinas que ensinava, no posto 24, Base 3, no Sambizanga. Passei a gostar mais de história, pela forma como ele explicava. Tínhamos aprendido sobre os reis e povos não só de Angola, mas do resto de África. Chegara então o momento dos exercícios e cada estudante tinha a sua tarefa de pesquisa. Ainda me lembro de três colegas. O Cardoso tinha que falar de Sundiata Keita, a Maria Bartolomeu dos povos Mbunda, o Paca sobre o Reino do Congo e eu Jorge Marques Bela sobre a Rainha Njinga. “Mas quero um trabalho com cabeça, tronco e membros. Para além do que vos ensinei, terão de me trazer factos novos. Contará para o vosso diploma”, ordenou o professor. Hum... complicado, pensei eu. Depois daquilo, pernas a andar. Comecei as pesquisas e não mais parei. Na altura tinha 11 anos e cheguei a ir até ao Centro de Documentação Histórica, hoje Arquivo Histórico Nacional. Fiquei a saber muita coisa acerca de Ngola a Kilwanji, através das mais velhas da Ilha de Luanda. imagine que muitos até agora julgam que essa personagem histórica só é narrada no interior de Angola, com os povos de Malanji e Kwanza-Norte, mas pude me aperceber que não. Comecei mais a valorizar a tradição oral, quando da boca de uma anciã, no bairro do Cruzeiro, ela que não sabia ler nem escrever, disse-me que seu bisavô lhe tinha contado que a Rainha Njinga esteve em Luanda a negociar a paz e sentou-se por cima da sua mukama sabiamente instruída. Tudo estava a fazer, para libertar as irmãs presas em Luanda. De princípio não quis acreditar. Qual não foi o meu espanto, quando encontrei os mesmos dizeres em António de Oliveira Cadornega, num dos seus volumes intitulados “História Geral das Guerras Angolanas”, escritos em 1680? O que aconteceu é que as minhas pesquisas desde 1979 não pararam. Para quem me conhece desde pequeno sabe que sempre disse que um dia escreveria um livro sobre a Rainha Njinga. Está na gráfica o 3º volume.



ARQUIVO | EDIÇÕES NOVEMBRO

ARQUIVO | EDIÇÕES NOVEMBRO



## COVID-19

# Idosos conscientes apostam na prevenção

Os números demonstram que o novo coronavírus é, especialmente, letal quando infecta pessoas mais velhas. E, entre nós, muitas pessoas da terceira idade sabem-no bem, razão por que muitos são tomados pelo temor de um inimigo invisível que pode estar na esquina, à espera de quem, imprudentemente, desafia as medidas de contingência

António Capapa

**Carlos Cordeiro**, 68 anos, é uma das pessoas que defende que o melhor mesmo “é proteger-se”. Com o corpo ainda embrulhado pelo vigor, apesar da idade, afirma que ficar em casa “não deve cansar” e que qualquer cansaço “deve ser vencido pela paciência”.

Treinador da equipa de futebol infantil Os Cordeirinhos, entende que “o melhor mesmo é preservar a vida”, o que o leva a cumprir as orientações do Governo.

Carlos Cordeiro acredita que “não se pode abusar da sorte” e chama a atenção para os mais velhos que têm doenças que os colocam no grupo de risco.

“É sempre bom cumprir com as orientações das autoridades, para evitar o pior”, diz.

Ana José, 66 anos, luta há muito para vencer uma infeção pulmonar. Ela diz haver motivos mais do que suficientes para se resguardar de um “outro confronto” que lhe pode ser fatal, uma vez que faz parte das estatísticas das pessoas que constituem o grupo de risco

na pandemia da Covid-19.

O consumo de frutas e verduras é apontado por Ana José como uma forma de fortificar o seu sistema imunológico, uma vez que a literatura médica revela que o organismo sofre uma deterioração por causa do envelhecimento, deixando o corpo mais susceptível a infeções oportunistas.

Para Ana José, confinar-se em casa é a medida certa, bem como a aposta nas medidas de higiene recomendadas para a prevenção de uma possível infeção por conta do novo coronavírus. Lavar sempre as mãos com água e sabão. Uma medida tão simples, um pregão que se ouve todos os dias, e que a sexagenária sabe que pode ser decisiva para não ser vencida por um inimigo traiçoeiro, que chega silencioso e que rapidamente traga a humanidade. E quando falta o sabão, a mais-velha recorre à lixívia para a desinfecção das mãos.

Ana José sabe que a doença é perigosa, por isso lamenta quem a ignora, ao mesmo tempo que apela à adesão ao isolamento social.

Recolhida em casa, diz buscar o rosto de Deus, so-

correndo-se das palavras de Jesus Cristo, segundo as quais “onde estiverem duas ou mais pessoas reunidas em meu nome, eu estarei com elas”. E Ana acredita. Por isso ora, a pedir ao Altíssimo que olhe para o mundo inteiro, “porque Ele é a nossa protecção”.

**“Deus vai cuidar”**

O mais velho Francisco Evaristo, comerciante de 70 anos, também se agarra a Deus como consolo, pois, no seu entender, “é Ele quem vai nos cuidar”, ao mesmo tempo que olha para o isolamento social como a principal medida para se proteger de um eventual ataque do novo coronavírus.

“Só saio para ir ao banco levantar dinheiro. A minha filha é quem vai às compras”, conta.

“O isolamento social, imposto pelo Estado de Emergência que vigora em Angola, não pode ser motivo para reforçar a vida sedentária, quase que vegetativa, de muitos idosos”, realça o psicólogo clínico Alziro Chipuka.

O especialista sugere actividades lúdicas e mais diálogo com os mais velhos como

terapia social e ocupacional. Essa é, segundo afirma, uma das soluções “para manter a sua mentalidade forte” e os afastar de um volume “de informações negativas que lhes podem causar stress e ansiedade”, já que são apontados como os mais vulneráveis.

A leitura é o hobby escolhido por Carlos Cordeiro “para manter a saúde mental, para além de correr de manhã e fazer exercícios físicos para manter também a saúde física”.

Carlos Cordeiro, na sua humildade, assegura que se lhe for proibido continuar a correr de manhã cedo pelas ruas do Cazenga, por necessidade de cumprir o isolamento social, há-de conformar-se. “Como bons cidadãos, somos obrigados a cumprir as medidas de prevenção contra a pandemia da Covid-19”, assegura.

Alziro Chipuka entende que o tempo de isolamento social pode ser bom para os idosos, “uma vez que a família está unida e os seus membros devem cuidar-se uns aos outros”.

Só assim, defende o psicólogo clínico, “vai-se garantir que as bibliotecas vivas se mantenham em pé”.

ANTÓNIO CAPAPA

